

TÃO FILHAS SENDO MÃES: RELATO DE DUAS OBSERVAÇÕES DE BEBÊS E SUAS MÃES PELO MÉTODO DE OBSERVAÇÃO ESTHER BICK

Marcia Renata Barroso¹

 <https://orcid.org/0009-0003-5319-7337>

Cleide Vitor Mussini Batista²

 <https://orcid.org/0000-0002-2213-1496>

Solange Frid³

 <https://orcid.org/0000-0001-6570-244X>

Resumo: Este artigo objetiva relatar e analisar aspectos primitivos maternos em duas observações de bebês com suas mães, por meio do Método Esther Bick. Após o momento de contato e contrato estabelecido com as famílias, ficou acordado que as visitas semanais aconteceriam, online via câmera do celular das observadoras, em dia e hora previamente definidos. Assim, as observadoras iniciaram o percurso que durou um ano e alguns meses. Observou-se o desenvolvimento do bebê na relação com o cuidador e seu entorno. Nas supervisões, discutíamos o potencial terapêutico do método, baseado na função continente do observador, e destacamos transformações no seu papel e da dupla cuidador-bebê. Neste trabalho, apresentamos recortes de duas observações: o relato da bebê Zara e sua mãe Nina, e da bebê Manu e sua mãe Anny. As observações evidenciam a postura empática das observadoras que, por uma atitude silenciosa e sutil, ofereceram um *holding* para a dupla mãe-bebê. Isso se evidenciava sentirem-se à vontade na presença das observadoras, sobre saber a respeito de sua bebê. Entretanto, atentou-se a ambas, jovens mães, mesmo de origens distintas, ainda permanecem às custas da família. Pareceu-nos que estavam tão filhas sendo mães, mas não as impediu de sustentarem os seus lugares na constelação da maternidade.

Palavras-chave: metodo de observação Esther Bick; bebê-mãe/cuidador; filha-mãe; maternidade.



¹ Psicóloga Clínica pela UGF com Especialização em Psicoterapia de Casal e Família pela PUC-Rio. Formação clínica em Observação de Bebês pelo Instituto Maternelle. Membro associada a ATFRJ. E-mail: arciarenatavaz7@gmail.com

² Pós-Doutora em Psicologia pela USP e em Psicanálise pela UFPB. Docente do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: cler@uel.br

³ Pós-doutorado em Saúde Pública (ENSP/FIOCRUZ). Docente na Pontifícia Universidade Católica-Campus Rio de Janeiro. E-mail: solange.frid@gmail.com

**SO DAUGHTERS BEING MOTHERS:
REPORT OF TWO OBSERVATIONS OF INFANTS AND THEIR MOTHERS USING THE
ESTHER BICK OBSERVATION METHOD**

Abstract: This article aims to report and analyze primitive maternal aspects in the observations of babies with their mothers, using the Esther Bick Method. Following the moment of contact and the contract established with the families, it was agreed that the weekly visits would take place, online through the cell phone camera of the observers, on a previously defined day and time. So, the observers started the journey that lasted one year and a few months. The development of the baby was observed in relation to the caregiver and the environment. In the supervisions, we discuss the therapeutic potential of the method, based on the container function of the observer, and we highlight transformations in their role and in the caregiver-baby duo. In this work we present extracts from two observations: the report of baby Zara and her mother Nina, and baby Manu and her mother Anny. The observations demonstrate the empathetic posture of the observers who, through a silent and subtle act, offered support to the mother-baby duo. This was evident in feeling comfortable in the presence of observers, in knowing your baby. However, attention was paid to both, young mothers, even from different origins, still remaining at the expense of the family. It seemed to us that there were so many daughters *siendo* mothers, but they did not *impidió* to maintain their places in the constellation of motherhood.

Keywords: Observation Method Esther Bick; Baby-Mother/Caregiver; Daughter Mother; Maternity.

**ENTONCES HIJAS SIENDO MADRES:
INFORME DE DOS OBSERVACIONES DE BEBÉS Y SUS MADRES UTILIZANDO EL
MÉTODO DE OBSERVACIÓN DE ESTHER BICK**

Resumen: Este artículo tiene como objetivo relatar y analizar aspectos maternos primitivos en dos observaciones de bebés con sus madres, utilizando el Método Esther Bick. Luego del momento de contacto y contrato establecido con las familias, se acordó que las visitas semanales se realizarían, en línea a través de la cámara del celular de los observadores, en un día y horario previamente definido. Así, los observadores iniciaron el viaje que duró un año y unos meses. Se observó el desarrollo del bebé en relación con el cuidador y el entorno. En las supervisiones, discutimos el potencial terapéutico del método, basado en la función contenedora del observador, y destacamos transformaciones en su rol y en el de dúo cuidador-bebé. En este trabajo presentamos extractos de dos observaciones: el relato de la bebé Zara y su madre Nina, y del bebé Manu y su madre Anny. Las observaciones muestran la postura empática de los observadores que, a través de una actitud silenciosa y sutil, ofrecieron un sostén para el dúo madre-bebé. Esto se evidenció al sentirse cómoda en presencia de los observadores, al saber de su bebé. Sin embargo, se prestó atención a ambos, las madres jóvenes, incluso de diferentes orígenes, aún permanecen a expensas de la familia. Nos parecía que eran tan hijas *siendo* madres, pero eso no les *impidió* sostener sus lugares en la constelación de la maternidad.

Palabras clave: Método de Observación Esther Bick; Bebé-Madre/Cuidadora; Hija Madre; Maternidade.

Introdução

O método de observação de bebês foi criado por Esther Bick e privilegia a sutileza do olhar, dos detalhes, das trocas, dos gestos, das sensações, dos encontros e desencontros

da dupla mãe-bebê, bebê-cuidador (pai, avós). Assim, possibilita pensar que a escuta envolve todos os sentidos.

A presença de um bebê estimula a regressão a estados primitivos e à comunicação cenestésica, o que provoca, no observador, vivências emocionais e sensações físicas intensas e sem representação-palavra. Ao observar, depara-se com o desafio de unir o ápice de sua intimidade psíquica com viver uma experiência junto ao bebê e à mãe ou ao cuidador.

Freud (1969a, p. 32), quando trabalhava na descoberta do inconsciente, escreveu: “Aprendi a controlar as tendências especulativas e seguir o conselho, não esquecido, do meu mestre Charcot: olhar as mesmas coisas, repetidas vezes, até que elas comecem a falar por si mesmas”. Podemos elucidar que, com sua disponibilidade interna, um certo vazio interior, o observador assume uma condição eminentemente receptiva, pela qual aceita as comunicações primitivas do bebê e da mãe ou de seu cuidador, sendo envolvido profundamente na dinâmica viva da observação. Ao nosso ver, tal descrição revela um estado aproximado de atenção flutuante.

Freud (1969b, p. 154) também aconselhava: “O médico deve voltar seu próprio inconsciente, como órgão receptor, na direção do inconsciente transmissor do paciente”. Ou seja, o observador encontra-se em intensa atividade psíquica quando está escutando – é passivo e abstinente apenas na ação. A partir dessa experiência vivida, este artigo tem o objetivo de relatar e analisar aspectos primitivos maternos que compareceram em duas observações de bebês com suas mães, por meio do Método Esther Bick.

Apresentamos recortes de duas observações: o primeiro é um relato da bebê Zara e sua mãe Nina. O contato foi anterior à observação propriamente dita, quando Nina se encontrava gestante. Já no segundo relato, da bebê Manu e sua mãe Anny, o contato deu-se quando a bebê ainda não andava, com um ano e três meses. Os nomes citados são fictícios, obedecendo ao código de ética.

As apresentações evidenciam a postura empática das observadoras que, por meio de uma atitude silenciosa e sutil, ofereceram um *holding* para a dupla mãe-bebê. Isso tornava-se evidente, porque se sentiam à vontade na presença das observadoras em relação a saber a respeito de sua bebê.

Entretanto, chamou-nos a atenção o fato de ambas, jovens mães, mesmo de origens distintas, ainda permanecerem às custas da família de procedência. Pareceu-nos que

estavam tão filhas sendo mães, o que não as impediu de sustentarem os seus lugares na constelação da maternidade.

Relatos das Observações

Os relatos dessas duas experiências de Observação de bebês, inspiradas no Método Esther Bick, foram realizadas on-line com a dupla mãe-bebê. Buscamos contemplar, resumidamente, a grandeza deste trabalho no qual vivenciamos experiências indescritíveis. Os recortes revisados dos relatos, após as observações, as sinalizações do grupo de supervisão e o contato com o material teórico absorvido durante a formação alinhavaram os conteúdos e as experiências das observações e, como um quebra-cabeça, as peças se encaixaram.

Relato da bebê Zara e de sua mãe Nina

Ao observar a dupla mãe-bebê, o bebê por ele mesmo e seu entorno, há que se considerar o que é observar um bebê. Um dos elementos importantes a se destacar é a capacidade que o observador deve ter de despir-se de si mesmo, de sua história para, então, estar no bebê, lê-lo, escutá-lo, senti-lo. Esta é uma abertura necessária do lado do observador e de um fino bordado tecido entre ele e o bebê: uma arte.

Do contrato ao início das observações, pudemos sentir o desejo da menina-mulher que chamaremos de Nina. Ela fala acerca do desejo, enquanto menina-mulher, de ser mãe, tornar-se mãe. Conta que morava com o esposo e os seus pais, após uma mudança familiar para outro Estado. Recém-chegados, o casal resolveu construir algo sozinhos para além dos pais de Nina.

Foi uma mudança significativa e importante para os dois. No lugar escolhido por eles, a menina-mulher se descobre grávida. Decidem retornar à casa dos pais de Nina. Durante a gestação, percebe-se, pela fala da menina-mulher, a construção da parentalidade, o “sonho de ser mãe”.

Da dor do parto ao encontro com a bebê Zara, nome eleito pela mãe e de uma significação única, Nina foi tomada por um mal-estar que a impediu de “curtir” a bebê. Este mal-estar a deixou triste, de tal forma, que atribuiu à demora da descida do leite. O episódio faz com que haja uma quebra, ruptura da maternidade idealizada por Nina. O que

não foi um encontro esperado e imaginarizado se depara com o real, uma sequência de desencontros que exige da mãe uma retomada, uma elaboração. Um luto!

Porém, Zara é boazinha e adora mamar, e a menina-mãe se regozija deste momento delas, uma conexão muito gostosa. Um laço!

Dias e dias, acompanhei um sono tranquilo. A bebê Zara dormia, nem se mexia. Em um dia de cólica intensa, Zara estava corpo a corpo com mamãe Nina. Um corpo só, Zara e Nina. Zara embalada no corpo de Nina. Uma dança!

As cenas passavam-se sempre no quarto, numa cama grande, com um berço acoplado, mas não habitado. A cama era dividida entre papai Joca, mamãe Nina e a bebê Zara. Por algumas horas, Zara dormia com seu papai Joca, da câmara observava papai de costas, num canto da cama a dormir, e Zara não percebia a presença dele. Diante das demandas de Zara, mamãe Nina surgia, acolhia, respondendo aos apelos da menina. Mas, um dia, mamãe Nina não surgiu. Zara desesperou-se, e o pai a dormir. O choro não cessou e o pai, então, tentou, acalantou, segurou, levantou-se, pegou-a no colo, mas a menina Zara continuou a chorar.

Certo dia, a mãe comentou: somos grudadinhas, duas princesas que, na manhãzinha, Joca vem acordar. A cama fica apertada. A menina Zara cresce com sua chupeta e seu bichinho preferido. Mamãe Nina envelopa, dá contornos com as palavras, e Zara recebe e se sente sustentada.

Em um dos dias, transitei pela cozinha levada pelas mãos da jovem. Mamãe Nina comentara com vovó que já estava chegando o dia em que Zara faria sua primeira refeição. Falava do cardápio à vovó atenta à filha e à neta. Em determinado momento da conversa, a avó comenta que, quando mãe, costumava fazer de tal jeito, mas Nina saberia qual seria a melhor forma de introduzir a papinha para a menina Zara. Uma autorização de saber ao outro!

Em muitas cenas, papai esteve presente, dormindo num canto da cama, mesmo com um balbúcio ou outro, uma movimentação ou outra, a música na TV, papai ali permanecia sempre quieto e pouco participativo. Uma depressão paterna? Talvez!

Um dia, papai Joca apareceu de frente à câmera com um sorriso largo, dizendo que Zara o reconhecia agora, interessava-se por ele e queria estar com ele. Que felicidade! Nasce um pai!

A cada observação, a menina Zara vai se apresentando mais interativa comigo. Ao ver-me na câmara, abre um sorriso e reconhece-me, quando não quer pegar-me, trazer-me para perto de si. Da possibilidade da observação on-line!

Um dia, estou em outro quarto, casa nova, quarto novo, todo rosa. Uma caixa rosa para duas princesas. Onde se encontra o príncipe? O príncipe deixa as duas princesas, e temos um breve afastamento. Tempo sem observação frente ao vivido por mamãe Nina. E, tão breve, voltamos a nos ver!

Relato da bebê Manu e sua mãe Anny

Manu tinha um ano e três meses, e sua mãe aos 23 anos. No dia 4 de julho de 2022, aconteceu o primeiro contato por mensagem, a fim de definir o dia e o horário da observação. Tivemos algumas tentativas, até conseguir definir. As tentativas já deixavam impressões de certa falta de organização, mesmo sentindo receptividade para o trabalho de observação acontecer.

Em 10 de agosto, depois de 22 dias, realizei a primeira observação. O primeiro encontro foi interessante e aconteceu na piscina de um clube. Manu estava com sua mãe e a amiga da mãe com o filho. Manu foi receptiva, interagiu olhando para a tela e sorrindo. Durante a observação, a bebê me olhava e chamava a atenção, por estar no colo da mãe com um boneco na mão e, confortável, brincava. Os bebês pouco interagiram, mas quando seu tio (adolescente) se aproximou, Manu ficou em êxtase e me deu uma sensação de liberdade. Nadou, gargalhou e até se afastou um pouco da mãe.

Nesse dia, vem à mente: “tão filhas sendo mães...”, que remeteu-me à Winnicott (1962) no brincar interativo. A cena, jovens mães no exercício da maternidade, com seus bebês num momento lúdico. Com criatividade, o ambiente se fez um espaço de prazer e brincadeiras. São mães solo que, pela experiência com seus bebês, constroem o vir-a-ser de mães possíveis. Sentimos uma sensação boa neste primeiro olhar e, também, ‘silenciosa’ na interação de Manu e sua mãe.

As observações seguintes aconteceram quando Manu acordava, e Anny diz que “Manu já sabia que tinha compromisso”. Durante as observações, Manu interagiu comigo, ao mesmo tempo, assistia televisão sentada no sofá. Nas supervisões, levava minhas inquietações, por Manu não explorar outros movimentos. Nesse campo sutil atravessado

pelo inconsciente, as observações aconteciam, e os materiais não-verbais eram levados e metabolizados em supervisões.

Gutfreind (2010) sinaliza dois pontos importantes: o primeiro é a transparência psíquica (conceito de M. Bydlowski), que traz à tona o bebê que, um dia, os pais foram. O segundo é a representação social e cultural, que exige o nível da capacidade, sobretudo materna. Pensar a importância desses pontos citados é adentrar na complexidade que envolve tornar-se mãe. Essa dinâmica atravessa experiências anteriores que se atualizam no tempo presente, deixando as marcas de cada geração. O que foi atravessa o que está sendo e será o reflexo do vir a ser.

Em especial, compartilhamos um recorte importante de uma observação. Na cena, Manu e sua mãe estão no sofá. Enquanto a bebê brincava com seu livro, sua mãe também estava lendo um livro. Manu pediu o livro da mãe, que diz que não daria, pois Manu tinha o dela. Na televisão, o som de um desenho infantil. Em dado momento, toda cena muda. A televisão começou a falar de situações referentes às relações familiares. Os personagens estavam alterados, com entonação agressiva. A moça (personagem) estava vivendo uma possível gravidez e prestes a entrar para um emprego. Enquanto o filme passava, Manu se incomodava com as vozes e tentou pegar o livro da mãe novamente, e ela cede. Disse para filha “ter cuidado e não estragar.”

No grupo de supervisão, deixamos as impressões do impacto de tantos conteúdos fortes. Para mim, observadora, ficou o ‘silêncio’ daquela jovem e a responsabilidade de Manu segurar “objetos” que poderia dar conta de cuidar (ou não). Tão forte foi a observação, que os movimentos de Anny iam se apresentando e sendo compartilhados por mensagens. Na sequência, observo que Anny inscreveu-se na academia, cortou o cabelo, mudou a foto de perfil do WhatsApp, começou monitoria na faculdade e, por outro lado, a observação com Manu ficou impedida.

Mesmo compreendendo os movimentos, sinalizamos o enquadre do trabalho e meu lugar de observadora da Manu junto aos cuidadores. Através do grupo de supervisão, pude levar as minhas percepções e sentir que o “olhar” exclusivo para Manu não seria suportado por Anny, que, nesse momento, estava retomando a vida fora de casa. Compreendemos o atravessamento das questões de rivalidade (mãe e filha) que traduzia, possivelmente, questões primitivas de Anny com sua mãe. Logo, devido às “faltas”, Anny se desculpa por mensagem e escreve: “Não desista de mim”. Enquanto observadoras, fomos atravessadas

por sentimentos ambivalentes que deixaram impressões de abandono e desamparo. Ficamos mobilizadas pelo pedido de Anny e, ao mesmo tempo, convocadas a estar presentes mesmo na ausência das observações.

Logo, os conteúdos metabolizados no grupo de supervisão se apresentaram na cena da observação, quando Anny usou um “cobertor”, como Manu fazia durante as observações. No dia, Anny adormeceu agarradinha com Manu, que estava acordada. O sentimento da observadora era o registro da jovem mãe que ainda buscava ser vista. As impressões eram tão intensas, que Anny passou a ganhar mais espaço no grupo de supervisão, enquanto o sentimento por Manu era de uma criança saudável, feliz e pronta para novas experiências. Com isso, enquanto observadoras, sentimos uma sensação de contenção.

Nas observações, Manu estava acolhida com seu “objeto transicional” – o cobertor. Em mim, observadora, a sensação do alívio e bem-estar, ao ver Manu fazendo movimentos suaves com o cobertor em sua pele. Anny conseguia identificar o que Manu queria e atendia-a. A observação avançava, e Manu começava a ter embates com Anny. Seguidas faltas aconteceram e houve a dificuldade da continuidade, quando Manu requer mais da mãe.

No grupo, pude verbalizar sobre os desejos de Manu e compreender que Anny ainda se encontrava “regredida” aos cuidados primários de Manu. Essas sensações ressoavam em nós. Mesmo com as faltas, sempre fazíamos contato para confirmar as observações e parecia que a mensagem firmava presença. Durante as supervisões, o sentimento continuava ambivalente, diante da continuidade das observações.

Ficou orientado que nós fizéssemos um contato para dar fechamento à observação. Surpreendentemente, Anny diz que está de férias e pede para marcar em fevereiro o retorno. Assim foi feito e, com o objetivo de um novo enquadre, Anny precisava assumir o compromisso da observação, sendo responsável por possibilitar a presença de Manu. Para isso, definimos um dia e horário. Sinalizamos que já estaríamos quase fechando o tempo da observação, pois Manu faria dois anos.

Fundamental foi continuar, depois de um longo período sem a observação visual, novos cenários se sucederam. Manu interagiu nas observações, fazendo questão de segurar o celular, apresentava seus brinquedos e circulava por todos os espaços possíveis. Uma menina esperta, alegre e que sabe se impor quando quer algo.

Vale dizer que, em todo o percurso do trabalho de observação, não houve nenhuma menção ao pai de Manu. Por outro lado, a rede de apoio da Anny era fortalecida pela presença de seu pai que, inclusive, morava em um apartamento ao lado do dela (porta a porta). Anny tinha pais separados e, ao contrário do pai, sua mãe pouco se apresentou como apego seguro.

O último contato com Anny confirma sua condição de filha, sem comprometer sua função de mãe. Manu, aos dois anos, permanece nos cuidados da mãe e a previsão da entrada na escola fica para 2024. Com isso, Anny adia seu retorno à Universidade, priorizando os cuidados da Manu.

Entrelaces

O bebê é um intérprete do mundo e ensina a forma pela qual ele faz tais interpretações. O seu saber é construído, segundo Trevarthen, Aitken e Gratier (2019), a partir das suas capacidades de apreensões perceptivas e de expressões comunicativas. O bebê é capaz de perceber e analisar as nuances afetivas presentes nos gestos e olhares dos seus interlocutores.

Assim, pode agir a partir de suas análises interpretativas, abrindo-se ou fechando-se ao outro, indo ao encontro ou retraindo-se, sorrindo ou chorando e, até mesmo, recusando-se a estabelecer relações com sujeitos específicos de sua relação próxima. Ao falar dele, por ele e com ele, o outro convoca este bebê a ocupar um lugar no jogo intersubjetivo. O bebê promove a construção dos pais e é a partir dele, que o lugar dos pais é assegurado.

Ainda, segundo Golse e Amy (2020), as mãos do bebê informam a mãe sobre o que acabou de acontecer. Para Parlato-Oliveira (2022), a linguagem do bebê, com toda a complexidade que tem, por se valer de expressões multimodais, sem o recurso sintético de uma língua, exige ampliar o nosso repertório teórico para podermos escutar o seu falar da linguagem.

Considerações finais

Conforme o psicólogo e pesquisador em ontogênese da intersubjetividade, Trevarthen, o bebê é capaz de perceber e analisar as nuances afetivas presentes nos gestos e olhares dos seus interlocutores, e agir a partir dessas análises interpretativas, abrindo-se ou fechando-se ao outro, indo ao encontro ou retraindo-se, sorrindo ou chorando e, até mesmo, recusando-se a estabelecer relações com sujeitos específicos de sua relação

próxima (Trevvarthen; Aitken; Gratier, 2019). Ao falar dele, por ele e com ele, o outro convoca este bebê a ocupar um lugar no jogo intersubjetivo.

Essas colocações do pesquisador foram também evidenciadas durante as observações de bebês, em que, com “maestria”, a conexão de jovens mães com seus bebês se afinou como sinfonia, mesmo que tenham, muitas vezes, necessitado de ajustes e reparos para estabelecer a harmonia. Uma orquestra assegurada por sons, entonações, gestos, cheiros, toques. Da pluralidade de repertórios, constituíram-se laços afetivos sentidos e vividos na experiência das mães com seus bebês, como também do observador com a dupla para além da tela.

Por um lado, nesse encontro mãe-bebê, há de ter ritmicidade e disponibilidade interna desejosa do cuidador, para acontecer a sintonia afetiva. Do lado do bebê, é preciso que tenha a capacidade de seduzir o seu cuidador, fisgando-o com o olhar, o sorriso, os sons e todos os outros ingredientes com potencial cativante e necessário para se construir uma relação amorosa suficientemente boa. Como afirma Lebovici (1987), é uma relação bilateral.

Conforme salientam Trevvarthen, Aitken e Gratier (2019), o bebê nos ensina, mas poderíamos afirmar que, em um só tempo, ele também aprende com o seu cuidador, e auxilia-o na construção da identidade parental, quando o reconhece. Sendo uma criatura inventiva, criadora de sentidos e de interação com os outros, o bebê tende a decodificar os códigos de cada cuidador para melhor interagir. Ao mesmo tempo, nos jogos interativos, é possível perceber que ele nos ensina suas expressões, para podermos saber sobre ele e seus gostos, necessidades e interesses.

Ao longo do tempo da observação, foi possível perceber na interação das duas duplas a construção do papel materno e paterno. Como no caso de Nina e Joca, cada um no seu tempo, puderam narrar sua história com Zara, à sua maneira. Tendo em vista os diferentes elementos e enredos em jogo na dinâmica familiar, podemos destacar a intimidade necessária que se construiu com o tempo, para estabelecer o sentimento de confiança e segurança enquanto pais de uma bebê. Quanto à Anny com Manu, aos poucos, foram se encontrando em meio às turbulências existenciais de Anny, que muito jovem se torna mãe solo, contando com o pai/avô como vizinho.

Chamou-nos a atenção que, mesmo com as facilidades de morarem na mesma casa da família de origem, ou tendo como vizinho de porta o pai/avô, essas jovens, que não

abriram mão, por diferentes motivações, sobretudo financeira, de permanecerem no laço filial, conseguiram assumir a posição de mães dessas bebês. Assim, não delegaram aos pais ou foram destituídas do lugar de cuidadora primária.

Referências

FREUD, Sigmund. A história do movimento psicanalítico. In: SALOMÃO, Jayme (org.). *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969a. v. 12, p. 12-82. Primeira edição em 1914.

FREUD, Sigmund. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: SALOMÃO, Jayme (org.). *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969b. v. 12, p. 146-159. Primeira edição em 1912.

GOLSE, Bernard; AMY, Gilbert. *Bebês, maestros, uma dança das mãos*. São Paulo: Instituto Langage, 2020.

GUTFREIND, Celso. *Narrar, ser mãe, ser pai & outros ensaios sobre a parentalidade*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

LEBOVICI, Serge. *O bebê, a mãe e o psicanalista*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

PARLATO-OLIVEIRA, Erika. *O bebê e as tramas da linguagem*. São Paulo: Instituto Langage, 2022.

TREVARTHEN, Colwyn; AITKEN, Kenneth J.; GRATIER, Maya. *O bebê nosso professor*. São Paulo: Instituto Langage, 2019.

Recebido em: 16 de agosto de 2023

Aceite em: 04 de setembro de 2023